

Cunhado

Dois lados da mesma moeda



Osvaldo Andrade

Crítica literária

Cunhado

O conto "Cunhado" constrói uma narrativa densa e profundamente irônica, explorando a disfunção familiar, a repressão dos desejos e a moralidade hipócrita sob o verniz da vida interiorana. A obra se destaca pela maneira como utiliza elementos cotidianos (o churrasco de domingo, o acampamento, o casamento) para mascarar um drama psicológico e passionai complexo, centrado no triângulo amoroso e na figura da "necessidade" como motor da ação humana. Trata-se de um conto que desnuda máscaras da sociedade familiar.

A estrutura do conto é marcada pela repetição cíclica de eventos e a teia da disfunção dos padrões de comportamento, reforçando a estagnação emocional da família.

O Pai (o filósofo das garrafas) tem sua entrada embriagada e seu monólogo sobre a "necessidade" (Cap. V e XVIII) tornam-se um ritual de final de semana. Seu alcoolismo é a origem do trauma familiar, culminando no suicídio da esposa.

A Tia (Celeste) mostra sua devoção religiosa (Cap. II), contrastada com seu amor obsessivo e quase incestuoso pelo irmão (o pai de Augusto) (Cap. VII), mostrando a repressão de seus próprios desejos e a fuga para a fé.

A tragédia recorrente acontece na morte da Avó (Cap. XXI), sugerida como homicídio por omissão, ecoa a morte da mãe de Augusto (suicídio no Cap. V), ambas ligadas à banheira e à incapacidade masculina (Pai e Prudêncio) de intervir em crises.

O conceito de "necessidade", introduzido pelo Pai (Cap. V) e filosoficamente dissecado pelo narrador (Cap. IX), é a chave amoral da obra. No conto, a necessidade é "fome e sobrevivência" - justifica o roubo das melancias por Augusto e Prudêncio (Cap. IV). Desejo e prazer no que move a relação secreta entre Prudêncio e Augusto. Conquista e poder - Prudêncio age por necessidade de ter ambos, a esposa e o cunhado, e elimina a ameaça (a Avó) por necessidade de sobrevivência do seu segredo (Cap. XVII e XIX). O narrador usa essas justificativas para absolver moralmente os personagens, sugerindo que o desejo é uma "essência da vida humana" que transcende princípios.

O cerne da crítica social reside no relacionamento em um triângulo passionai e o incesto simbólico entre Prudêncio (o cunhado), Alice (a esposa) e Augusto (o irmão).

Prudêncio (o manipulador) é o agente ativo que planeja e conquista. Seu desejo por Augusto é quase incestuoso, pois vê o rapaz como a "irmã com outra forma física" (Cap. VIII). Seu casamento com Alice é um meio para acessar o objeto de seu verdadeiro desejo.

Augusto (o mimado/seduzido) - criado na ausência materna e mimado pelas mulheres (Cap. V), ele busca constantemente atenção (vaidade) e encontra em Prudêncio a admiração e os prazeres que o cunhado estimula (Cap. VIII e XVI).

Alice (a cúmplice silenciosa) faz a revelação final (Cap. XXI) de que ela sempre soube da relação e "nunca se importou em dividir esse sentimento" é a subversão máxima da moralidade. Sua passividade e a aceitação da familiar traição emocional anulam qualquer julgamento moral tradicional.

O conto é rico em simbolismo e ironia que acenam a tensão. No acampamento secreto de Prudêncio e Augusto, é o palco da consumação do desejo e o primeiro passo para a tragédia, pois é de lá que o segredo vaza para o barqueiro (Cap. VI e XIII) que faz o contato com a avó.

O Jogo de Guerra se estabelece quando a parceria imediata entre Prudêncio e Augusto contra Alice e Maurício (Cap. X) é uma metáfora explícita para o alinhamento de poder e o conflito passional.

O Porco Premiado é o evento surreal do porco ressurrecto (Cap. XIV), que funciona como um presságio de que algo já havia sido "morto" (a moralidade, ou a vida da Avó), mas se recusa a ficar enterrado.

A morte da Avó, ela, a guardiã da ordem e da moralidade, a única que age e desconfia (Cap. XIII), é a vítima final. Sua eliminação garante a "vitória" (Cap. XXI) de Prudêncio e Augusto.

"Cunhado" é uma obra instigante que questiona a moralidade por meio de uma narrativa sufocante e previsível em seus vícios. A crítica do autor está na denúncia da hipocrisia social e na ideia de que os laços familiares e o desejo humano, quando guiados pela "necessidade" e pela manipulação, podem se sobrepor à ética, culminando em tragédia, que é rapidamente normalizada pela repetição e pelo silêncio cúmplice. O conto não oferece redenção; oferece a fria e vitoriosa continuação da disfunção.

Autor: Osvaldo Andrade

Obra: Cunhado

Site: ocsan.net/autor

E-mail: osvaldoandradeautor@gmail.com